

# A APÓCOPE DO /r/ EM INFINITIVOS VERBAIS NA ESCRITA DO FACEBOOK: MUDANÇA LINGUÍSTICA EM PROCESSO?

LA APÓCOPE DE /R/ EN INFINITIVOS VERBALES EN LA ESCRITURA DE FACEBOOK: ¿  
CAMBIO LINGÜÍSTICO EN PROCESO?

THE APOCOPE OF /R/ IN VERBAL INFINITIVES IN FACEBOOK WRITING: LINGUISTIC  
CHANGE IN PROCESS?

**Camilla da Silva Mendes\***

Colégio Centro de Estudos Britto e Vitoi

**Thiago Soares de Oliveira\*\***

Instituto Federal Fluminense | Universidade da Beira Interior

RESUMO: Neste artigo, desenvolvido sob orientação teórica da Linguística Histórica, partiu-se do pressuposto de que a ocorrência da apócope do /r/ nos infinitivos verbais é uma tendência observada na oralidade do português brasileiro, sendo considerada um resultado do contato da língua portuguesa com o elemento africano trazido para o Brasil no período colonial. A partir disso, pretendeu-se compreender a influência da língua falada sobre a língua escrita com o fito de investigar se se trata de um caso de mudança linguística em processo. Para isso, adotaram-se como *corpus* os comentários de usuários da Rede Social Facebook em publicações jornalísticas nas páginas G1, R7 e SBT Jornalismo. Após análise qualitativa dos dados coletados em pesquisa documental, foi possível observar a apócope do /r/ em construções perifrásticas, apontando para a influência da língua falada sobre a escrita.

PALAVRAS-CHAVE: Linguística histórica. Mudança Linguística. Apócope em infinitivos verbais. Facebook.

---

\* Especializanda em Língua Latina e Filologia Românica pela Faculdade Única. Licenciada em Letras pelo Instituto Federal Fluminense. Professora no Colégio Centro de Estudos Britto e Vitoi, atuando na educação básica com as disciplinas Língua Portuguesa e Literatura. E-mail: [camillamendes12@hotmail.com](mailto:camillamendes12@hotmail.com).

\*\* Pós-Doutor em Letras pela Universidade da Beira Interior. Professor do Instituto Federal Fluminense, atuando na Licenciatura em Letras e no Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica (ProfEPT). E-mail: [so.thiago@hotmail.com](mailto:so.thiago@hotmail.com).

RESUMEN: En este artículo, desarrollado bajo la orientación teórica de la Lingüística Histórica, se asumió que la ocurrencia del apócope de /r/ en infinitivos verbales es una tendencia observada en la oralidad del portugués brasileño, siendo considerada como resultado del contacto del idioma portugués con el elemento africano traído a Brasil en el período colonial. A partir de esto, se pretendió comprender la influencia de la lengua hablada sobre la escrita para investigar si es un cambio lingüístico en proceso. Para eso, se adoptarán como *corpus* los comentarios de los usuarios de la red social *Facebook* en publicaciones periodísticas en las páginas G1, R7 y SBT Jornalismo. Después del análisis cualitativo de los datos recolectados en la investigación documental, fue posible observar la apócope de /r/ en construcciones periféricas, apuntando a la influencia del lenguaje hablado en la escritura.

PALABRAS CLAVE: Lingüística Histórica. Cambio lingüístico. Apócope en infinitivos verbales. *Facebook*.

ABSTRACT: In this paper, developed under the theoretical guidance of Historical Linguistics, it was assumed that the occurrence of apocope of /r/ in verbal infinitives is a trend observed in the orality of Brazilian Portuguese, being considered as a result of the contact of the Portuguese language with the African element brought to Brazil in the colonial period. From this, it was intended to understand the influence of the spoken language on the written language in order to investigate whether it is a case of linguistic change in process. For this purpose, we adopted as a *corpus* the comments from Social Network Facebook users in journalistic publications on pages G1, R7 and SBT Jornalismo. After qualitative analysis of the data collected in documentary research, it was possible to observe the apocope of /r/ in peripheral constructions, pointing to the influence of the spoken language on writing.

KEYWORDS: Historical Linguistics. Linguistic change. Apocope in verbal infinitives. Facebook.

## 1 INTRODUÇÃO

A apócope (ou queda) do /r/ nos infinitivos verbais configura-se como uma forte tendência na oralidade do português brasileiro, conforme apontam os estudos de Callou, Leite e Moraes (1998), Lopes e Callou (2004) e Schwindt e Chaves (2019). No entanto, apesar de se tratar de um fenômeno comum nos dias de hoje, tal ocorrência não é de origem recente.

Na verdade, o apagamento do /r/ final dos verbos no infinitivo foi observado como um recurso estilístico que representava, de forma escrita, o linguajar dos escravos em peças de teatro do século XVI, como as de Gil Vicente, enquanto que, no português brasileiro, tal ocorrência pode ser considerada uma herança africana, tendo em vista que a apócope do /r/ foi observada na estrutura fonético-fonológica das línguas<sup>1</sup> dos negros africanos trazidos como escravos para o Brasil durante o período colonial, no século XVI, mesma época em que as peças teatrais europeias registravam a ocorrência. Tal consideração mostra que esse fenômeno pode partir da modalidade falada para a escrita.

Nesse sentido, esta pesquisa, que se circunscreve de forma geral na seara da Linguística Histórica (doravante LH), objetiva, após breve retomada da origem do fenômeno da apócope do /r/ em infinitivos verbais, a analisar a ocorrência nos comentários da Rede Social Facebook, mais precisamente nas páginas G1, R7 e SBT Jornalismo, além de investigar o processo de inserção desse fenômeno na escrita digital do português brasileiro, haja vista o surgimento dessa modalidade com o advento da internet e da comunicação em rede. A intenção, de forma específica, é investigar se se trata de um caso de mudança linguística em processo. Para isso, foram utilizados como *corpus* os registros escritos de usuários que interagem por meio de comentários na Rede Social Facebook.

Como uma língua viva é uma entidade mutável, heterogênea e dinâmica, podendo ser caracterizada como aquela que é usada como instrumento contínuo de comunicação entre os indivíduos (COSTA, 1996), compreende-se que esse dinamismo justifica o fato de as línguas humanas mudarem com o passar do tempo, processo denominado mudança linguística que, conforme Faraco (2006), é o objeto de estudo da LH, campo da Linguística cujo foco visa tratar das mudanças que ocorrem nas línguas em diversos níveis ao longo do tempo (MATTOS; SILVA, 2008).

Partindo disso, Faraco (2006) aponta que essas mudanças oriundas da fala, como é o caso do fenômeno investigado nesta pesquisa, podem vir a fazer parte da modalidade escrita da língua a depender de uma escala progressiva que parte da fala para a escrita. No

<sup>1</sup> Conforme Pessoa de Castro (2005), o banto foi o conjunto de línguas africanas mais influente no processo de interação entre línguas no Brasil.

entanto, nem todas as mudanças ocorridas na língua falada chegam a esse último estágio, o que leva à seguinte questão-problema: A ocorrência da apócope do /r/ nos infinitivos verbais, uma tendência antiga e atual apontada, respectivamente, por Aragão (2010, 2011) (ao tratar do fenômeno como herança africana) e Callou, Leite e Moraes (1998) (ao tratar do fenômeno na oralidade do português brasileiro), pode ser vislumbrada na escrita das Redes Sociais? A hipótese é de que, possivelmente, o processo de apócope do /r/ nos infinitivos encampa marcas na escrita de indivíduos os quais utilizam o espaço digital como campo expositivo de suas ideias, uma vez que o processo de mudança linguística parte da fala e, aos poucos, pode se refletir na escrita. Nesse caso, seria, nos termos desta pesquisa, uma influência da oralidade sobre a escrita.

Assim sendo, não se pretendeu esgotar as possibilidades a partir das quais o assunto pode ser abordado, especialmente porque o tema tem sido discutido por alguns autores ao longo dos anos. Na verdade, o contributo deixado foi a reunião de informações que puderam indiciar como o fenômeno da apócope tem sido encontrado em registros escritos na atualidade, mais precisamente na escrita da Rede Social Facebook.

## 2 BREVE APANHADO SOBRE O CONCEITO DE APÓCOPE E SUA OCORRÊNCIA COMO FENÔMENO HISTÓRICO

### 2.1 A SUPRESSÃO DE FONEMA(S) AO FIM DO VOCÁBULO NO PORTUGUÊS

A apócope é um fenômeno que compõe o conjunto de transformações fonéticas que sofrem as palavras durante a evolução (COUTINHO, 1974). Os chamados metaplasmos (CARVALHO; NASCIMENTO, 1984; BAGNO, 2007, 2012; VIARO, 2013; XIMENES, 2003) fizeram parte da transição do latim (vulgar) ao português atual com certa regularidade, levando à implementação de um padrão de ocorrências. Apesar de serem fenômenos fonéticos, essas transformações se refletem na estrutura das palavras, conforme aponta Bagno (2007b), o que indica que um processo iniciado na oralidade resultou em alteração na morfologia dos vocábulos, configurando uma mudança linguística que foi capaz de chegar ao último estágio, como aponta Faraco (2006). A título de exemplo, segue a Figura 1:

**MARE > MAR\_**  
**AMAT > AMA\_**  
**MALE > MAL\_**

**Figura 1:** Apócope na passagem do latim para o português

**Fonte:** Elaboração própria

A observação dos registros escritos da língua desde o latim mostra a regularidade com que as palavras se transformam, tornando-se possível antecipar algumas possíveis alterações que podem vir a fazer parte do cotidiano linguístico, bem como da norma que rege tal unidade linguística, como é o caso do exemplo em questão. Nesse processo, ocorreu o fenômeno da apócope que, consoante a Carvalho e Nascimento (1984), refere-se à queda do fonema final de uma palavra.

Com efeito, durante a passagem dos séculos até que se formasse o português lusitano, alguns vocábulos sofreram tal apagamento, como em *mare* > *mar*; *amat* > *ama*; *cantare* > *cantar*, entre outros. Nesses casos, a ocorrência da apócope configura um processo histórico que contribuiu para uma evolução linguística, no sentido de que, embora se configurasse, a princípio, como uma alteração de ordem fonética, pôde causar, posteriormente, modificações estruturais na língua. Com base na regularidade com que essas alterações ocorreram – e ocorrem –, existem quatro grupos de metaplasmos que retratam o percurso das modificações das formas linguísticas, conforme ressalta Coutinho (1974): por acréscimo, por supressão, por transposição e por transformação. Nos termos desta pesquisa, convém estender as discussões a respeito dos metaplasmos que ocorrem por supressão, haja vista que o fenômeno da apócope compõe esse grupo.

Como a própria denominação sugere, os metaplasmos que ocorrem por supressão dizem respeito às transformações nas palavras por meio da queda de um (ou mais) fonema(s) que pode(m) se situar na posição inicial, na medial ou na final, como a aférese, a síncope e a apócope, respectivamente, para citar alguns exemplos. Também é considerada como caso de supressão a fusão de vogais, como a crase e a sinalefa (ou elisão) (BAGNO, 2007a). Ainda que as figuras de dicção dessa ordem e das demais estejam, em princípio, relacionadas <sup>2</sup> à fonética histórica, como destacam Coutinho (1974), Viaro (2013) e Ximenes (2003), muitos trabalhos voltados à apócope do /r/ nos infinitivos substituem tal terminologia diacrônica por outras nomenclaturas a depender da linha teórica a que se adere. Encontram-se, então, em lugar de “apócope”, expressões como “queda”, “supressão”, “apagamento”, conforme visto nos trabalhos desenvolvidos por Callou, Leite e Moraes. (1998), Lopes e Callou (2004) e Schwindt e Chaves (2019).

Em outras palavras, é possível supor que a não utilização da terminologia específica da fonética histórica para aludir às supressões do /r/ em posição de coda tem ligação com o fato de que as análises propostas não são investigadas sob a óptica da Linguística Histórica (LH), embora tragam constatações de tal ordem ou que envolvem assuntos também abordados pela LH. E isso ocorre porque, segundo Viaro (2013, p. 92), ao definir os metaplasmos como “mudanças fonéticas que dão um caráter de previsibilidade às mudanças linguísticas”, apesar de haver um direcionamento das discussões aos estudos fonéticos, sugere-se que tais transformações podem ir além da oralidade à medida que as mudanças avançam, tratando-se de uma proposição que retoma a discussão sobre a sequência de fases pelas quais pode passar uma mudança em curso, o que não é seara exclusiva dos estudos históricos.

Na verdade, é possível compreender, de forma análoga, o posicionamento de Viaro (2013) a partir da definição de Bagno (2007a, p. 8), segundo o qual “um metaplasmo é uma mudança na estrutura de uma palavra, ocasionada por acréscimo, remoção ou deslocamento dos sons de que ela é composta”<sup>3</sup>, ou seja, a alteração na forma da palavra decorre posteriormente à alteração fonética. Com base no que foi observado, considera-se a supressão do /r/ nos infinitivos verbais como apócope, haja vista que a orientação teórica aqui adotada é a da Linguística Histórica, mas sem que haja, no entanto, o “impedimento” de uso de outros termos e expressões.

A princípio, é preciso retomar a constatação de que a apócope do /r/ em finais átonos já se configurava como uma ocorrência antiga, conforme apontam os trabalhos de Callou, Leite e Moraes, (1998), Lopes e Callou (2004) e Callou, Serra e Cunha (2015), nos quais é abordado que tal fenômeno era registrado por escrito em obras de Gil Vicente, autor que representava o falar dos escravos em peças no português europeu, valendo-se da marcação da supressão dos fonemas finais das palavras<sup>4</sup> como forma de distinção entre a fala dos escravos, considerada inculta, e a fala culta da época. Ainda que, possivelmente, o registro fosse um direcionamento para a pronúncia de algumas das personagens das peças teatrais por ele escritas, não se pode deixar de apontar que, mais do que um traço fonético distintivo, tal escrita também marcava uma distinção social, a despeito de representar um fato da oralidade.

A respeito disso, Szijj (2011) apresenta alguns dados que tratam da ocorrência da apócope nas obras de Gil Vicente durante o período do português arcaico<sup>5</sup>:

---

<sup>2</sup> Designação de Almeida (2005).

<sup>3</sup> Vale ressaltar que Bagno (2007a) não menciona os metaplasmos por permuta ou substituição, diferentemente da abordagem apresentada por Coutinho (1974). No entanto, a alusão ao primeiro autor é pertinente por apontar que essas figuras de dicção, no geral, alteram a estrutura das palavras.

<sup>4</sup> Apesar de não compartilhar nenhum exemplo nos trabalhos analisados, Callou, Leite e Moraes, (1998), Lopes e Callou (2004) e Callou, Serra e Cunha (2015) alertam para o fato de que a apócope já era uma ocorrência no português europeu, registrada por Gil Vicente em seus textos literários.

<sup>5</sup> Se considerado o início de tal período no século XIII, conforme considera Leite de Vasconcelos, e que dele datam os documentos propriamente redigidos em galego-português (CUNHA; CINTRA, 2008), a nomenclatura “português arcaico” torna-se questionável e discutível, uma vez que surge a seguinte questão: É viável se referir ao período como uma fase da língua portuguesa se tal unidade linguística ainda não existia?

Nas obras de Gil Vicente as formas do imperativo são também *dize* e *faze*. O imperativo singular de *dizer* e *fazer* aparece 9 vezes: *faze fogo* (Auto da Índia 19), *desfaze toda essa cama* (Auto da Índia 18), *dize, filho da cornuda* (Auto da Barca do Inferno 27), *faze aquela poja* (Auto da Barca do Inferno 3), *faze-lhe essa prancha...!* (Auto da Barca do Inferno 29), *dize, que dizias?* (Farsa de Inês Pereira 17), *faze-o por amor de mi* (Farsa de Inês Pereira 20), *faze o que t'encomendou* (Farsa de Inês Pereira 30), isto é, encontramos 8 formas completas, enquanto o único caso de forma apocopada é: *diz' lá*. (Monólogo do Vaqueiro 4, duas vezes) (SZIJ, 2011, p. 178)

A princípio, vale ressaltar que Szijj (2011) trata de uma ocorrência de apócope encontrada em obras de Gil Vicente, mas não especificamente da consoante vibrante /r/, como proposto nesta pesquisa; torna-se relevante, contudo, mencionar o trabalho da pesquisadora da Universidade de Budapeste, por se tratar de um recorte representativo do período arcaico da língua portuguesa, tendo em vista que as obras de Gil Vicente datam dos primeiros anos do século XVI, demonstrando que a supressão de fonemas em finais de vocábulos já ocorria desde aquela época, o que fora registrado por meio da escrita como um recurso estilístico pelo autor. Em outras palavras, os dados encontrados por Szijj (2011) revelam a tendência à apócope nos verbos já no português arcaico.

Assim, sendo possível inferir que a apócope, de modo geral, não é uma tendência moderna nem um equívoco, percebe-se que se trata, na verdade, de um fenômeno característico do processo de desenvolvimento de uma língua (no caso, o português) que, sendo viva, sofre alterações ao longo de sua história. Os metaplasmos, nesse sentido, configuram-se como uma forma sistemática de observar as mudanças fonético-fonológicas que ocorrem na língua e que podem vir a alterá-la no nível da estrutura, seja na oralidade, atendendo à demanda usual da língua, seja na escrita, mesmo que tardiamente.

## 2.2 DO ELEMENTO AFRICANO ÀS REDES SOCIAIS<sup>6</sup>

Passando à apócope do /r/ nos infinitivos verbais do português brasileiro (PB), está em voga a linha de pensamento que defende que a ocorrência é oriunda dos falares africanos que chegaram ao Brasil no período colonial (PESSOA DE CASTRO, 2005; ARAGÃO, 2010, 2011). No entanto, Aragão (2010, 2011) ressalta que muito se resiste ao fato de que o português desenvolvido no Brasil coleciona influências diversas, dentre elas o elemento africano e, por isso, muitas ocorrências desenvolvidas em tal unidade linguística podem ser consideradas como fruto da evolução natural e do conservadorismo da língua, desconsiderando o papel das influências de África no processo, a exemplo da apócope do /r/.

Com efeito, Scherre e Naro (2007, p. 133), ao abordarem a origem do PB a partir de um “garimpo fonológico”, refutam

A hipótese de que um conjunto significativo de características usuais no português brasileiro contemporâneo, especialmente no português brasileiro não padrão, tenha origem em características estruturais, transferidas via crioulização, leve ou profunda, das línguas africanas, das línguas ameríndias, ou de quaisquer outras línguas estruturalmente diferentes da língua portuguesa. [...] para finalidades diacrônicas, a comparação legítima é a que se estabelece entre o português brasileiro popular e português europeu popular, eliminando assim a necessidade de se apelar para supostos mecanismos de simplificação ou de aprendizado imperfeito para explicar estruturas já existentes na própria língua portuguesa, vindas de Portugal, nas suas variantes populares.

Nesse sentido, nota-se, de certa forma, uma desconsideração em relação às influências africanas e ameríndias na constituição do PB; os autores, todavia, enfatizam que não se trata de ignorar a influência do contato com as línguas africanas, e sim de estabelecer uma “comparação legítima” que dê conta de uma explicação não simplificada para fenômenos de caráter fonético-fonológico. Pensa-se, ao contrário do que afirmam Scherre e Naro (2007), que entender a questão da mudança sonora no PB apenas por uma suposta “comparação legítima” é descaracterizar e desconsiderar os substratos influenciadores de aspectos de diversas naturezas, nas quais se inclui o componente fonético, a despeito de uma suposta evolução já constatada no português europeu. E posiciona-se dessa

<sup>6</sup> O termo “Redes Sociais”, neste caso, refere-se ao local de interação na internet, conforme aponta Zenha (2017/2018, p. 24) ao dizer que “a expansão do espaço virtual possibilitou a criação das Redes Sociais como local permanente de interação para a comunicação e a troca de informação entre indivíduos de qualquer parte do mundo, os quais possivelmente não poderiam se encontrar no mundo real, agrupados no mundo digital a partir das mais diferentes intenções comunicativas”.

forma em razão do entendimento de que a mudança linguística não decorre de fatores perceptíveis apenas no campo intralinguístico, mas também no extralinguístico, na esteira de pensamento de Esperança Cardeira (2006).

Embora não se tenha aqui a pretensão de dar conta de uma discussão específica da Crioulística<sup>7</sup>, também não se pode deixar de registrar que a suposta comprovação de que havia, à época da colonização, uma “norma linguística mais branda e flexível, criada no contexto da existência de multilinguismo generalizado e da aquisição do português como segunda língua” (SCHERRE; NARO, 2007, p. 133) não atesta, por si só, uma mudança de caráter fonético, já que não se devem alijar da análise do processo mutacional os componentes social, cultural, político, econômico. Proceder dessa forma seria, isso sim, simplificar uma questão assaz complexa e que extrapola o estudo puramente comparativo entre línguas, especialmente se limitado a fatores de ordem puramente intralinguística. Nesses termos, mesmo que se encontrem traços repetíveis entre o português europeu dialetal e o português brasileiro não padrão, isso não é suficiente para resolver a questão relacionada ao português do Brasil<sup>8</sup>.

Além do mais, não se pretende apagar a sabida repressão às formas linguísticas oriundas do elemento africano, antes e até o final do século XIX, período em que o tráfico negreiro deu-se por encerrado, sendo marcado também pela tentativa de interrupção do uso das línguas africanas no Brasil como se estabelecessem um “prazo de validade”, uma vez que os africanos que restavam no território tinham funções sociais limitadas e abriam, portanto, mão de sua cultura, que era condicionada cada vez mais a espaços restritos, ato que conduzia as línguas ao seu total desaparecimento (LUCCHESI, 2008). Ocorreu que o contato linguístico já havia depositado sua marca na unidade linguística que aqui se formara por meio de um “processo de transmissão irregular”<sup>9</sup>, que designa “os processos históricos de contato maciço entre povos falantes de línguas tipologicamente diferenciadas, entre os séculos XVI e XIX, em decorrência da ação do colonialismo europeu na África, Ásia, América e Oceania” (LUCCHESI; BAXTER, 2009, p. 101).

Ao conceber a ocorrência da apócope como uma herança africana que se mantém no português manejado no Brasil, Pessoa de Castro (2005, p. 10) afirma que “[...] a tendência do falante brasileiro em omitir as consoantes finais das palavras ou transformá-las em vogais, \*falá, \*dizê, \*Brasiu, coincide com a estrutura silábica das palavras em banto e em iorubá, que nunca terminam em consoante”. Com base nisso e na formação do PB, que contou com a presença duradoura dos africanos no território em razão da exploração da mão de obra escrava promovida no período colonial, assim como asseveram Araújo e Araújo (2009), entende-se que tal metaplasmo por supressão, que é observado atualmente no PB, teve gênese nos falares africanos que, em contato com as línguas indígenas e o português europeu transportado para o Brasil, transformou-se numa unidade rica em influência.

De fato, a título de exemplo, Mendonça (2012) ressalta que, no PB, a apócope do /r/ ocorre em palavras como “chegar”, que se transforma em “chegá”, suprimindo o /r/ final e acrescentando um acento agudo para indicar a tonicidade da sílaba final, que se transforma em uma oxítone terminada em “a”. Tal ocorrência, segundo o autor, é característica dos dialetos crioulos da África. Seguindo a mesma linha, Aragão (2010, 2011, p. 11) também trata da “apócope do l, r, e s finais” como herança africana. Em trabalho recente, Mendes, Medeiros e Oliveira (2017) esclarecem que a língua brasileira se formou a partir de uma rica mescla de influências, distintas das que promoveram a formação da língua de Portugal. Em outras palavras, trata-se do apontamento de que o substrato<sup>10</sup> que proporcionou a formação da língua lusitana é distinto do que enriqueceu o português brasileiro, que também teve influência do idioma dos colonizadores.

Então, não só nos hábitos e nas crenças, mas também nos departamentos linguísticos, como o léxico e a fonética, a influência africana teve grande papel na formação do PB devido ao contato duradouro. A respeito disso, Cardoso e Cunha (1978) acentuam que a aproximação mais direta entre senhor e escravo – diferentemente do contato dos colonizadores com os povos indígenas – atesta a

<sup>7</sup> Área da Linguística cujos estudos se voltam para as línguas crioulas.

<sup>8</sup> Para efeitos de aprofundamento, Cf. Galves (2018), Gonçalves (2018), Callou (2018).

<sup>9</sup> Expressão de autoria de Lucchesi e Baxter (2009).

<sup>10</sup> De acordo com Mattoso Câmara Júnior (1981), o substrato refere-se à língua de um povo que é abandonada para aderir à língua imposta, normalmente, por questões políticas.

importância do elemento africano no processo de aculturação<sup>11</sup> estabelecido no território brasileiro. Vale ressaltar, neste ponto, que o que restou da cultura africana trazida pelos escravos traficados não refletia a realidade da forma que era (CARDOSO; CUNHA, 1978), o que é corroborado por Petter (2005, p. 200) ao apontar que “as línguas africanas não chegaram ao Brasil com o mesmo estatuto linguístico de que dispunham no seu continente de origem, pois o tipo de tráfico adotado pelos portugueses promoveu uma certa seleção e adaptação entre as línguas”, ou seja, a unidade africana que saiu do continente não foi a mesma a estreitar um contato linguístico para formar o PB.

Com base nessa perspectiva histórica, é possível observar que, no PB, a ocorrência da apócope do /r/ nos infinitivos verbais tem origem na oralidade. E atualmente? Qual é o tratamento dado a este fenômeno? Para Bagno (2012), a ocorrência de apócope do /r/ está calcada no princípio da economia linguística, responsável por vários processos que podem representar indícios de mudanças. Esses indícios reagem a dois impulsos:

- a) Poupar a memória, o processamento mental e a realização física da língua, eliminando os aspectos redundantes e as articulações mais exigentes; b) Preencher lacunas na gramática da língua, de modo a torná-la mais eficiente como instrumento de interação sociocomunicativa. (BAGNO, 2012, p. 147)

Além disso, o princípio da economia linguística, conforme Cardeira (2006), tende a abolir as formas que possam vir a causar redundâncias, comprometer a progressão comunicativa ou tornar o entendimento obscuro, a fim de que novas formas possam ser criadas “[...] no sentido de preencher lacunas que um princípio de clareza necessária à comunicação tenderá a comaltar” (CARDEIRA, 2006, p. 14). Ao que parece, a apócope do /r/ faz parte de um processo natural de mudança linguística comum a uma língua viva. Aliás, tal ocorrência diz respeito ao tratamento que o falante dá à língua, ou seja, trata-se do uso que é feito do sistema linguístico, e não da norma vigente naquele período. Nesse sentido, a questão ora abordada não é propriamente um assunto que assiste à gramática normativa, pois o que está em foco é o uso real, não o registro idealizado de uso. Oliveira (2018, p. 36) inclusive, assevera que a gramática normativa é definida como

Um compêndio de normas que reflete a tradição gramatical de mais de vinte séculos, com as devidas alterações sofridas pelo tempo, ditando primordialmente um padrão de escrita e secundariamente um padrão de fala, uma vez que considera a inferioridade desta em relação àquela, e representando a variedade padrão, considerada modelar para os indivíduos que manejam determinada língua.

Além disso, Noll (2012, p. 342) aborda a apócope como uma característica da linguagem coloquial, uma vez que “[...] na posição final, /r/ sofre um enfraquecimento especial e tende a cair na língua coloquial. Isso é notável sobretudo no infinitivo [...] e pode, por assim dizer, ser considerado como medidor da coloquialidade”. O autor considera que a ocorrência desse fenômeno em infinitivos é uma tendência sistemática do português brasileiro, valendo-se do seguinte exemplo, em que ocorreria o apagamento do fonema vibrante em final de forma infinitiva: “Quero saber uma coisa” (NOLL, 2012, p. 342). Segundo o estudioso, essa sentença seria realizada no PB coloquial falado pela supressão da consoante final do verbo no infinitivo, seguida da união da vogal tônica final à primeira vogal do artigo indefinido “uma”, promovendo, assim, uma única sequência fônica. Noll (2012) prevê ainda que, num futuro próximo, o /r/ final dos infinitivos verbais “cairá” completamente. Em outras palavras, o fenômeno tende a ser admitido no último estágio alcançado por uma mudança linguística (a escrita), vencendo, portanto, a resistência da norma-padrão.

Partindo desse breve apanhado teórico, é possível passar ao principal objetivo deste trabalho, que é investigar se a apócope pode ser vislumbrada na escrita do Facebook. Adentra-se, no tópico seguinte, numa seara de estudo recente, em que a comunicação escrita tende a delimitar sua própria estrutura (FIORIN, 2008), além de ser pouco delimitada e situada entre os extremos da fala e da escrita, uma vez que ela comporta elementos de ambas as modalidades conforme Marcuschi (2008). Essa nova forma de comunicação pode alterar a sequência seguida por uma mudança linguística em curso, pois se trata da projeção da oralidade na escrita em um ambiente cujos usuários não têm perfis definidos.

<sup>11</sup> Refere-se ao fato de que, com o contato do colonizador e do escravo, a cultura deste foi assimilada de certa forma pelos senhores que, por sua vez, contribuíram para que se disseminasse tal cultura pelo território.

### 3 ANÁLISE DA APÓCOPE DO /R/ EM COMENTÁRIOS DE PUBLICAÇÕES NO FACEBOOK

#### 3.1 LÍNGUA FALADA E LÍNGUA ESCRITA NA INTERNET

De acordo com Fischer (2009), as línguas, no geral, evoluem sem a intervenção humana, num processo natural, mas o homem pode intervir nos sistemas de escrita para atingir os objetivos da sociedade. O autor ainda salienta o fato de que, nas sociedades em que há limitação no que se refere às capacidades de ler e escrever, a escrita pouco interfere na língua falada; porém, nas sociedades em que existe uma intensa cultura voltada para o desenvolvimento dessas habilidades, a escrita é capaz de preservar a língua falada, ou seja, a escrita “[...] nivela, padroniza, determina, enriquece e gera muitos outros processos orientados pela língua com implicações sociais de amplo alcance” (FISCHER, 2009, p. 110). Em contrapartida a essa proposição, a relação entre a língua escrita e a língua falada é muito mais complexa, conforme aborda Fiorin (2008, p.6):

As pessoas acham que escrita e fala são a mesma coisa, que a escrita é uma transcrição da fala ou que a fala é uma oralização da escrita. Não é verdade. Falar é diferente de escrever. A escrita e a fala são modalidades distintas da linguagem, pois constroem sentidos de modo diverso, com estratégias e procedimentos diferentes. Na verdade, a relação entre elas é muito complexa. Cabe lembrar, em primeiro lugar, que a oralidade é condição necessária, porém não suficiente, da fala. Quando lemos, por exemplo, um texto previamente escrito, temos uma manifestação oral da linguagem, mas não temos a construção de um texto falado.

Concebendo a fala e a escrita como duas modalidades com características próprias, sendo que a oralidade e o texto falado são, em alguns casos, manifestações distintas, é possível compreender que o que ocorre na escrita nas Redes Sociais, em tese, deveria ter seus próprios traços delimitados. Entretanto, conforme aponta Kenski (2007, p. 31), a linguagem digital, de forma sintética, “engloba aspectos da oralidade e da escrita”, sendo tal linguagem simplificada. Por meio dela, o ser humano interage, aprende, informa e comunica, registra a autora. É nesse sentido que a linguagem utilizada nas Redes Sociais é calcada na mescla entre elementos orais e escritos, acompanhando a dinamicidade que exige este recente meio de expressão do pensamento.

É devido a tal dinamicidade que Xavier (2006) acredita que comportamentos como o “imediatismo interacional”, já observado por Tapscott (1999), têm refletido na escrita digital. Tal forma de proceder reflete a necessidade de ser ágil nas réplicas das discussões promovidas entre interlocutores dentro da interação digital. Nesse caso, a reflexão a respeito de cada modalidade linguística e suas regras é, muitas vezes, “dispensada” em prol da dinamicidade com que a comunicação é conduzida (TAPSCOTT, 1999). É devido a isso que, nos comentários das publicações da rede social Facebook, por exemplo, é possível observar aspectos da oralidade e da escrita, promovendo uma combinação entre as duas modalidades, o que resulta em um novo sistema pelo qual indivíduos se comunicam, consoante a Figura 2:



Figura 2: Comentários do Facebook entre a fala e a escrita

Fonte: Elaboração própria

A Figura 2 representa visualmente o que ocorre com a escrita nos comentários na Rede Social Facebook. É possível observar que as mudanças linguísticas podem seguir uma sequência que parte das situações informais e formais de fala até chegar à escrita<sup>12</sup>. Partindo dessa premissa, é necessário recuperar os entendimentos de Kenski (2007) e de Fiorin (2008) a respeito de a escrita digital estar entre os âmbitos da fala e da escrita. Porque esse tipo de comunicação apresenta elementos tanto de uma modalidade quanto de outra, sugere-se a emergência de um novo nível no qual uma mudança linguística em curso pode ser vislumbrada.

Para Marcuschi (2008, p. 199), o discurso<sup>13</sup> do meio eletrônico ainda se encontra na busca por um modo característico, ou seja, o seu “cânon”, mas, conforme os processos avançam, é possível identificar formas que ocorrem com certa frequência, dando indícios de possíveis padronizações futuras. Assim como ocorreu nos processos de mudança linguística do latim ao português moderno, sugere-se ser possível que a escrita registrada no Facebook forneça subsídios para que, no futuro, tenham-se normatizados<sup>14</sup> aspectos dessa ordem, pois a interação por meio da internet advém da necessidade da sociedade contemporânea e, conforme Callou e Leite (1994), a língua se modifica com a finalidade de atender a uma demanda social.

Levando em consideração que os usuários de uma rede social como o Facebook não se encaixam em um perfil definido, não é interesse questionar ou apontar o grau de instrução de tais indivíduos, atrelando a ocorrência do fenômeno da apócope do /r/ a um maior ou menor suposto conhecimento da norma-padrão da língua, até pelo fato de a discussão desenvolvida até aqui situar a gênese do fenômeno no âmbito da história da língua, além de ressaltar que se trata de uma marca representativa de uma possível mudança em processo. Então, cabe aqui refletir a respeito das ocorrências na modalidade escrita de um meio digital, com o objetivo de explanar a situação do fenômeno circunscrevendo-a na seara dos estudos linguísticos.

É importante destacar, também, que as afirmações que atestam a gênese de tal metaplasmo na oralidade servem de base para que seja possível compreendê-lo como parte de uma tendência, uma vez que a análise proposta objetiva verificar se tal ocorrência já pode ser vislumbrada na escrita do Facebook, considerada, nos termos desta pesquisa, uma forma atual de representação escrita, dado o fato de que a internet facilitou o contato entre os indivíduos de forma ainda mais dinâmica, sendo tratada como um campo recente onde a comunicação escrita é promovida. Em suma, a escrita nos comentários da rede social Facebook, por exemplo, tende, ainda, a delimitar sua própria estrutura, conforme aborda Fiorin (2008, p. 9) quando explica que

A internet está criando uma práxis enunciativa nova, que produz gêneros marcados pela oralidade e pela informalidade. Ademais, o fato de esses gêneros estarem entre os pólos da escrita e da oralidade faz com que a ortografia seja vista como uma representação da fala em sentido estrito, o que explica as características ortográficas da escrita na rede.

Dessa forma, a internet é responsável (um dos responsáveis, pelo menos) pelo advento de novos gêneros textuais que, aos poucos, delimitam sua própria estrutura. No que concerne à linguagem empregada, esta se organiza em níveis e formas ainda muito livres, sendo possível encontrar em uma publicação, por exemplo, diversos comentários, cada qual com uma estrutura linguística específica, seja representando a fala, seja utilizando a escrita de acordo com o padrão normativo, seja mesclando diversas possibilidades de usos e empregos do idioma. É possível então perceber que a projeção de elementos da fala na escrita no âmbito da internet acaba facilitando ainda mais o processo de mudança linguística.

### 3.2 A APÓCOPE DO /R/ EM INFINITIVOS VERBAIS

#### 3.2.1 Procedimentos metodológicos

<sup>12</sup> Neste caso, não se baseia na escrita monitorada, mas sim na escrita no sentido amplo. O monitoramento é um nível de escrita.

<sup>13</sup> Discurso, neste sentido, refere-se à expressão da língua escrita.

<sup>14</sup> Trata-se da inferência de um padrão de uso, e não padronização dos usos.

A princípio, salienta-se que a escolha do *corpus* foi pensada a partir do contexto contemporâneo de escrita, que considera o advento da tecnologia. Atualmente, a comunicação por meio das Redes Sociais tem cumprido um papel muito importante na sociedade, haja vista a velocidade com que as informações são transmitidas, fazendo emergir desse dinamismo a necessidade de uma comunicação tão rápida quanto.

No que concerne à metodologia, foram adotadas tanto a pesquisa bibliográfica quanto a documental. A primeira é desenvolvida a partir de livros e artigos científicos já elaborados e disponíveis, conforme aponta Gil (2008), autor que concebe a pesquisa documental como a investigação realizada com base em documentos ainda não analisados sob a óptica científica, sendo esse fator de ineditismo o que a diferencia da pesquisa bibliográfica. O *corpus* selecionado é concebido como um documento, uma vez que as amostras reunidas ainda não foram analisadas a partir de um método científico.

A análise qualitativa dos dados também se faz necessária, já que, para Minayo (1999, p. 21-22), trata-se de um tipo de pesquisa que “trabalha com o universo dos significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis”, ou seja, posiciona-se para além dos dados quantitativos, focando na exploração da subjetividade de questões intrínsecas ao ser humano.

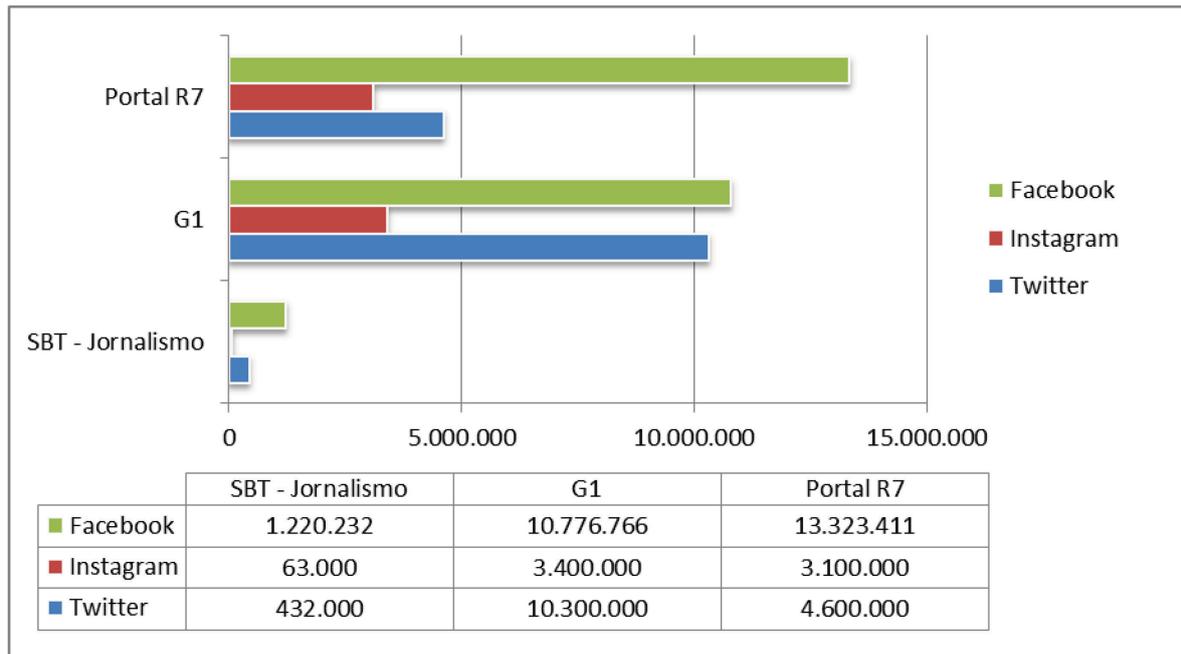
Em outras palavras, pretende-se coletar as ocorrências da apócope do /r/ em infinitivos verbais nos comentários do Facebook com a finalidade de abordar como ocorre esse fenômeno na escrita manejada em uma Rede Social com grande quantidade de usuários ativos. Não é interesse, portanto, ter como relevante a quantidade de amostras, haja vista que não se pretende constatar a existência da ocorrência, mas sim a análise que se faz das que foram selecionadas. A seleção, por assim dizer, deu-se a partir das ocorrências encontradas numa busca direcionada a fim de apontar como esse fenômeno tem sido tratado pelos usuários da Rede Social em questão.

Considerando que, no contexto da internet, várias plataformas são utilizadas pelos usuários com finalidades distintas, sendo possível desempenhar diversas atividades, além da existência de um número significativo de usuários ativos que interagem em tempo real, é preciso delimitar o espaço da coleta dos dados. Ademais, o contato torna-se fácil e dinâmico, já que, além de perfis com informações básicas dos usuários, existem, nas redes mencionadas, contas e páginas<sup>15</sup> registradas para ampliar a interação entre marcas comerciais e clientes, mídias jornalísticas e telespectadores, dentre outras relações que são estreitadas nesses ambientes digitais.

Dessa forma, a fim de delimitar o campo da coleta de dados desta pesquisa, uma dentre as três Redes Sociais foi escolhida com base no maior número de usuários que se conectam às páginas G1, R7 e SBT Jornalismo. É importante ressaltar que a escolha das páginas se deu pelo fato de pertencerem às principais emissoras de canal aberto, cuja tradição é reconhecida na televisão brasileira, e por garantirem a publicação contínua de conteúdos. Os critérios mencionados para a delimitação proposta tornam-se evidentes se observado o Gráfico 1, que segue:

---

<sup>15</sup> O termo “contas”, neste contexto, diz respeito aos perfis criados pelos usuários. Já as “páginas”, segundo informações obtidas no site oficial do Facebook, “permitem que empresas, marcas, organizações e figuras públicas publiquem *stories* e se conectem com pessoas. Assim como os perfis, as páginas podem ser personalizadas com *stories*, eventos e muito mais. As pessoas que curtem ou seguem uma página podem receber atualizações no *Feed* de Notícias delas” (FACEBOOK, 2019).



**Gráfico 1:** Número de seguidores/curtidores por Rede Social

**Fonte:** Elaboração própria

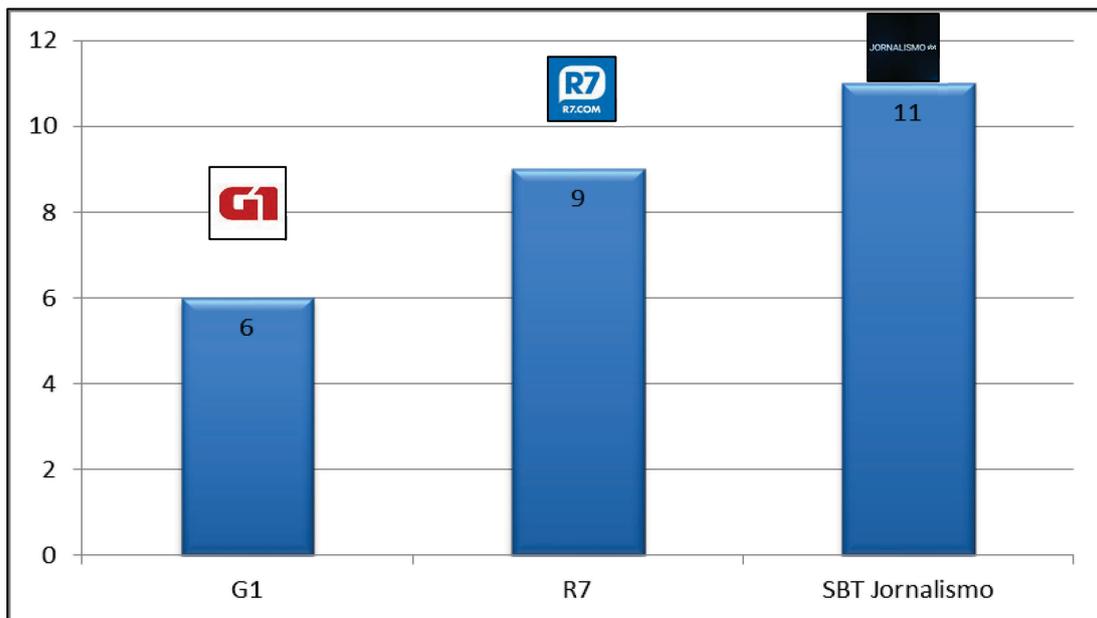
Os dados fornecidos pelo Gráfico 1 demonstram a quantidade de usuários interessados nas publicações administradas pelas emissoras de televisão nas três Redes Sociais. Os números mostram que o Facebook é que conta com o maior número de usuários nas páginas G1, R7 e SBT Jornalismo, constatação utilizada como base para a delimitação do *locus* de coleta de dados, oriundo de observação realizada a partir dos comentários de publicações jornalísticas dos dias 29, 30 e 31 de julho de 2019. A quantidade de amostras e o período da coleta foram delimitados para fins organizacionais, haja vista que os comentários realizados no Facebook não são um *corpus* estático, e sua atualização ocorre em tempo real, pois os usuários respondem automaticamente aos conteúdos disponibilizados.

A coleta de dados, ocorrida no turno da noite após grande quantidade de atualizações durante o dia, pautou-se na busca direta das ocorrências em todas as publicações daquela data. É importante ressaltar que, após a coleta, o número de comentários nas publicações analisadas podem ter sofrido alterações, pois, uma vez disponíveis, os usuários podem interagir a qualquer momento, a menos que os administradores da página excluam a postagem. Tratando, finalmente, da apócope do /r/ em infinitivos verbais, 26 ocorrências foram encontradas no período de investigação.

A não ampliação do *corpus* se deu pelo fato de esta pesquisa se configurar, a princípio, qualitativa, objetivando priorizar a forma como os dados se comportam nas amostras e não sua quantidade. Outra questão importante abordada a respeito do *corpus* analisado, é que, pelo fato de demandar muito tempo de busca pelas ocorrências, tendo em vista que as publicações são disponibilizadas de forma dinâmica com intervalos de até um minuto entre elas, foram delimitados apenas três dias para que fosse possível dar conta de todos os comentários que surgiam em tempo real.

### 3.2.2 Da análise das ocorrências de apócope do /r/ no Facebook

A princípio, em breve explanação a respeito do *corpus* delimitado, importa ressaltar que, neste momento, o componente quantitativo torna-se relevante porque foram selecionadas páginas do Facebook com grande quantidade de usuários ativos. As páginas escolhidas representam tradicionais emissoras de televisão que postam, diariamente, conteúdos jornalísticos e de entretenimento. A respeito das amostras, eis o Gráfico 2:



**Gráfico 2:** Ocorrências de apócope do /r/ em infinitivos verbais nas páginas G1, R7 e SBT Jornalismo

Fonte: Elaboração própria

O Gráfico 2 apresenta informações a respeito da quantidade de ocorrências encontradas em cada página no período estipulado para a busca dos dados. Nota-se que 6 (seis) são da página G1; 9 (nove), da página R7; e 11 (onze), da página SBT Jornalismo. É importante mencionar que a coleta não seguiu a sequência cronológica das publicações, pois, como já registrado, as três páginas são atualizadas com grande frequência, e os comentários ocorrem em tempo real. O que se realizou foi uma observação das publicações com número expressivo de comentários no momento em que a coleta ocorreu, isto é, de 29/07/2019 a 11/08/2019, das 18h às 24h, de modo aleatório, pois o conteúdo é constantemente atualizado. Inicialmente, buscou-se observar superficialmente os comentários em destaque, com vistas a verificar ocorrência da apócope do /r/ nos infinitivos de verbos, quando se pôde perceber a abundância de ocorrências. Fato é que, em meio aos comentários escritos por usuários distintos, foi possível perceber um padrão nas ocorrências, que, em sua maioria, seguiu uma estrutura específica. O destaque são as construções perifrásticas, isto é, estruturas compostas por mais de um verbo, conforme os registros<sup>16</sup> abaixo, organizados em forma de compilados de imagens. As ocorrências foram registradas entre os dias 29/07/19 a 11/08/19, das 18h às 24h.

<sup>16</sup> As imagens foram retiradas das páginas analisadas no Facebook por meio do recurso “print”, que captura a tela do computador. A identidade dos usuários foi preservada em todos os casos.



Figura 3: Primeiro compilado de ocorrências de apócope

Fonte: Elaboração própria

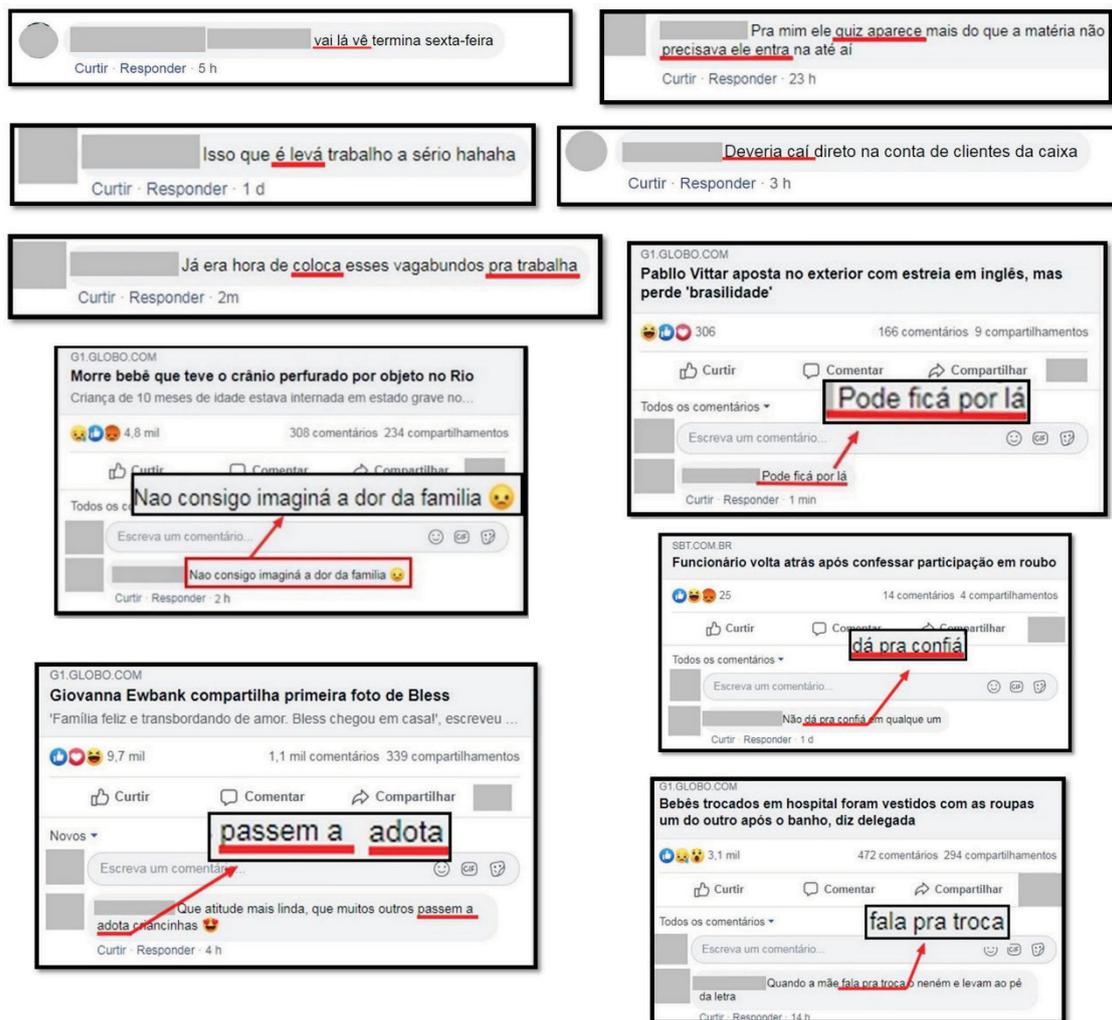


Figura 4: Segundo compilado de ocorrências de apócope

Fonte: Elaboração própria

Na sequência de imagens apresentadas, é possível notar que muitos usuários se sentem à vontade para expor opiniões a respeito das notícias publicadas pelas páginas. O distanciamento entre locutores proporcionado pelo meio digital faz com que seja possível encontrar comentários no mesmo espaço com opiniões diversas. Essa característica também pode ser ligada à forma como os indivíduos escrevem, uma vez que é possível observar uma espontaneidade em relação à norma-padrão. Nas imagens, foram encontradas 25 (vinte e cinco) – das 26 (vinte e seis) – ocorrências de apócope do /r/ em infinitivos verbais de construções compostas por mais de um verbo. São elas: “consigo imaginá”; “soube se vingá”; “deveria cai”; “pode dá”; “pode ficá”; “foi acontecê”; “dá pra confiá”; “é levá”; “vai lá vê”; “vo quere”; “quero sabe”; “vai chega”; “deixa vaza”; “querem mata”; “vem dança”; “foi brinca”; “vai cura”; “quiz aparece”; “precisava ele entra”; “fala pra troca”; “coloca [...] pra trabalha”; “passem a adota”.

As nove primeiras ocorrências listadas são marcadas graficamente por acento (agudo ou circunflexo), o que confere tonicidade (registrada) à última sílaba, reafirmando a ausência do /r/ final, o que, em razão de intensidade, marca como oxítonos os verbos que compõem as expressões, os quais, por sua vez, passam a terminar em vogal, e não mais em consoante. É certo que, apenas pela análise das ocorrências registradas, não há como saber com exatidão a razão da marcação de determinados vocábulos por acento gráfico. Será que o indivíduo conhece as normas de acentuação e as utiliza propositalmente para marcar a forma verbal oxítona, cuja supressão do /r/ final também se deu modo proposital? O corretor ortográfico dispõe de algum recurso que promove essa conversão, reconhecendo a tonicidade da sílaba, sem que seja considerada a queda do /r/?

Diante da consideração dessas possíveis variáveis, o fato principal é que, de um modo ou de outro, a forma apocopada dos verbos no infinitivo parece ser também uma tendência em registros escritos. Além disso, observa-se que as demais ocorrências, que não são acentuadas – salvo a construção “vai lá vê” –, podem ser facilmente confundidas com a terceira pessoa do singular do presente do indicativo dos verbos na modalidade escrita, sendo possível a diferenciação pelo contexto. Vide o Quadro 1:

Verbo no infinitivo	Verbo no presente do indicativo	Pronúncia do Infinitivo	Pronúncia do Presente do indicativo
“Vai <b>chega</b> ”	Chega	[che'ga]	['chega]
“Foi <b>brinca</b> ”	Brinca	[brin'ca]	['brinca]
“Saber <b>fala</b> ”	Fala	[fa'la]	['fala]
“Quero <b>sabe</b> ”	Sabe	[sa'be]	['sabe]
“Querem <b>mata</b> ”	Mata	[ma'ta]	['mata]
“Vem <b>dança</b> ”	Dança	[dan'ça]	['dança]
“Vai <b>cura</b> ”	Cura	[cu'ra]	['cura]
“Deixa <b>vaza</b> ”	Deixa; Vaza	[dei'xa];[va'za]	['deixa];['vaza]
“Vai lá <b>vê</b> ”	Vê	[vê]	[vê]
“Quiz <b>aparece</b> ”	Aparece	[apare'ce]	[apa'rece]
“Passem a <b>adota</b> ”	Adota	[ado'ta]	[a'dota]
“ <b>Coloca</b> [...] pra <b>trabalha</b> ”	Coloca; trabalha	[colo'ca]; [traba'lha]	[co'loca]; [tra'balha]
“Precisava ele <b>entra</b> ”	Entra	[em'tra]	['entra]
“Fala pra <b>troca</b> ”	Troca	[tro'ca]	['troca]

**Quadro 1:** Verbos no infinitivo das construções perifrásticas X verbos no presente do indicativo

**Fonte:** Elaboração própria

Das ocorrências listadas na Figura 5, há, no entanto, um caso, tirante os acentuados na última sílaba, em que não há confusão escrita com o presente do indicativo: a construção “vo quere”. O verbo “querer”, conjugado na terceira pessoa do singular no presente do indicativo, assume a forma “quer”, logo é possível notar a distinção entre uma forma e outra na modalidade escrita, o que deixa em evidência a ocorrência do fenômeno da apócope. Ocorre, no entanto, que a segunda pessoa do singular do imperativo afirmativo do verbo “querer” é “quere”, podendo ser confundido por um corretor ortográfico digital. Além disso, vale ressaltar a forma do verbo “ir”, conjugado na primeira pessoa do presente do indicativo (vou) que, na ocorrência encontrada no comentário do Facebook, aparece monotongado, pois o encontro vocálico é reduzido a apenas uma vogal, permanecendo, neste caso, apenas a vogal “o”. Essa observação, apesar de não ser o foco desta pesquisa, torna-se relevante, uma vez que têm respaldo nas palavras de Cardeira (2006, p. 14), ao afirmar que “oposições que não se revelem funcionais podem desaparecer”, atendendo ao princípio da economia linguística. Além dessas ocorrências, outra foi encontrada, mas não compõe uma construção perifrástica:



**Figura 5:** “pra boi dormi”

**Fonte:** Elaboração própria

A ocorrência destacada, neste caso, não é componente de uma construção perifrástica; está, na verdade, em forma infinitiva por conta da redução de uma oração subordinada adverbial final. De qualquer forma, ocorre no verbo a apócope do /r/, o que colabora para a percepção de que, nas ocorrências analisadas, há uma tendência estruturada, na qual, em todos os casos, a escrita dos usuários-autores é pautada por uma lógica, chegando, muitas vezes, a repetir ocorrências dentro de um mesmo período. A respeito disso, Bortoni-Ricardo (2005, p. 85) explica que “o falante da língua, quando suprime um /r/ em infinitivo verbal ao escrever, faz isso porque na língua oral ele já não usa mais esse /r/”, sugerindo que, registrando o falante a forma verbal apocopada, isso significa que ele já entende que tal fonema não existe mais na língua de uso, ou seja, não é mais funcional.

A tendência à supressão de formas não mais funcionais dentro de uma palavra tem relação com a estruturação silábica consoante-vogal, vista nas estruturas das línguas africanas, assim como aponta Pessoa de Castro (2005). Ao suprimir o /r/ final dos verbos no infinitivo, o falante encontra uma forma simplificada de grafar as palavras, evidenciando uma língua mais dinâmica, inclusive na modalidade escrita, que é supostamente mais conservadora. E, se na língua falada, há uma busca pela dinamicidade por meio dessa supressão, na língua escrita, por seu turno, isso já é possível de ser vislumbrado, conforme visto nas amostras recolhidas do Facebook.

Embora não seja um ambiente monitorado onde se exija o uso da norma-padrão, a seção de comentários da Rede Social analisada comporta-se como um novo território em que a escrita se manifesta refletindo a realidade linguística dos falantes, a qual nem sempre está de acordo com normatização da língua e com a previsão gramatical, até porque duas questões supostamente antagônicas estão em constante “conflito”: a) as mudanças na língua ocorrem de forma lenta, gradual e, por serem um processo, partem do pressuposto de que a língua varia com certa regularidade, e não caoticamente; por outro lado, b) a resistência apresentada pela gramática normativa em admitir essas mudanças acaba fazendo com que os compêndios não representem o uso efetivo da língua, nem mesmo na modalidade escrita. Ao que tudo indica, no futuro, essa tendência de apagamento de fonemas não funcionais em finais átonos poderá chegar aos níveis mais monitorados da escrita, configurando uma nova etapa na evolução do português brasileiro.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta pesquisa, tratou-se da ocorrência da apócope do /r/ nos infinitivos verbais com o suporte teórico da Linguística Histórica, especialmente o pressuposto da mudança linguística, o que permitiu, inicialmente, a breve descrição da trajetória da ocorrência de tal fenômeno partindo da oralidade, mais precisamente da influência dos falares africanos que mantiveram contato com a língua que no Brasil se estruturava à época da colonização. De todo modo, o metaplasmo já era registrado na modalidade escrita do português europeu, especificamente em obras de Gil Vicente, como forma de representar a fala dos escravos.

Aos poucos, notou-se a inserção dessa ocorrência na escrita do português brasileiro, já podendo ser vislumbrada na Rede Social Facebook, onde se mesclam elementos tanto da modalidade falada quanto da modalidade escrita da língua. Por se tratar de um ambiente atual onde se manifesta a escrita, dado o advento da tecnologia, a linguagem utilizada no meio digital foi delimitada como *corpus*, objetivando propor uma “ponte” entre a gênese do registro da ocorrência de supressão do /r/ em finais de infinitivo e uma das mais modernas formas de representação da escrita, que se ancora no meio digital.

A partir dos dados reunidos, foi possível observar a influência da língua falada sobre a escrita a partir da ocorrência da apócope do /r/ em infinitivos verbais, uma vez que, ao deixar de realizar uma determinada forma linguística na língua falada, é possível que o falante deixe de fazê-la também na escrita. Além do mais, a respeito da sequência seguida por uma mudança linguística, que parte das situações de fala e pode se ancorar na escrita, foi possível responder positivamente à questão-problema proposta, confirmando a hipótese levantada. Partindo do pressuposto de que a escrita no meio digital é uma forma de manifestação do português brasileiro, é possível afirmar que a apócope do /r/, de certa forma, já pode ser observada na escrita.

Em suma, embora a norma-padrão resista às mudanças comuns a qualquer língua viva, vislumbrou-se a possibilidade de que a apócope do /r/ em infinitivos verbais chegue a compor o rol normativo gramatical da língua futuramente, apesar de ser difícil prever a época de tal suposto registro, mas tendo claro que a ocorrência de tal metaplasmo já deixa marcas na escrita do português brasileiro. Por fim, a intenção desta pesquisa foi complementar as discussões a respeito do fenômeno já constatado por diversos autores na oralidade do português brasileiro, trazendo a perspectiva do passado e a do presente da apócope do /r/ em infinitivos verbais, mas, desta vez, na modalidade escrita da língua.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, N. M. *Gramática metódica da língua portuguesa*. 45. ed. São Paulo: Saraiva, 2005.

ARAGÃO, M. S. S. Africanismos no português do Brasil. *Revista de Letras*, vol. 301/4, jan. 2010/dez. 2011. Disponível em: [http://www.revistadeletras.ufc.br/Revista%20de%20Letras%20Vol.30%20-%201.4%20-%20jan.%202012%20.%20dez.%202011/rl30art01\\_Africanismos\\_no\\_portugues\\_do\\_Brasil.pdf](http://www.revistadeletras.ufc.br/Revista%20de%20Letras%20Vol.30%20-%201.4%20-%20jan.%202012%20.%20dez.%202011/rl30art01_Africanismos_no_portugues_do_Brasil.pdf). Acesso em: 24 jun. 2018.

ARAÚJO, S. S. de F.; ARAÚJO, J. M. de O. A Formação sócio-histórica do português do Brasil: Contribuições do Recôncavo Baiano. *Cadernos de Letras da UFF*, Dossiê: difusão da língua portuguesa, n. 39, p. 95-116, 2009. Disponível em: <http://www.cadernosdeletras.uff.br/joomla/images/stories/edicoes/39/artigo5.pdf>. Acesso em: 12 ago. 2019.

BAGNO, M. *Gramática histórica: do latim ao português brasileiro*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2007a.

BAGNO, M. *Gramática pedagógica do português brasileiro*. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

BAGNO, M. *Nada da língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007b.

BORTONI-RICARDO, S. M. *Nós chegemu na escola e agora?: Sociolinguística & educação*. São Paulo: Parábola, 2005.

CALLOU, D. Issues of de history of portuguese in and of Brazil. In: LÓPEZ, L. A.; GONÇALVEZ, P.; AVELAR, J. O. de. (org.). *The portuguese language continuum in Africa and Brazil*. Amsterdam: Jojn Benjamins, 2018. Disponível em: <https://benjamins.com/catalog/ihll.20.04cal>. Acesso em: 21 ago. 2019.

CALLOU, D.; LEITE, Y.; MORAES, J. Apagamento do R final no dialeto carioca: um estudo em tempo aparente e em tempo real. *DELTA*, v. 14, p. 61-72, 1998. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=0102-445019980003&script=sci\\_issueoc](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=0102-445019980003&script=sci_issueoc). Acesso em: 11 nov. 2018.

CALLOU, D.; LEITE, Y. *Iniciação à fonética e à fonologia*. 3. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.

CALLOU, D.; SERRA, C.; CUNHA, C. Mudança em curso no português brasileiro: o apagamento do R no dialeto nordestino. *Revista da Abralin*, v. 14, n. 1, p. 195-219, jan./jun. 2015. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/abralin/article/view/42491>. Acesso em: 03 ago. 2019.

- CARDEIRA, E. *O essencial sobre a história do português*. Lisboa: Caminho, 2006.
- CARDOSO, W.; CUNHA, C. *Estilística e gramática histórica*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1978.
- CARVALHO, D. G.; NASCIMENTO, M. *Gramática Histórica*. São Paulo: Ática, 1984.
- COSTA, V. L. A. A importância do conhecimento da variação lingüística. *Educar em Revista*, Curitiba, v. 12, p. 51-59, 1996. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/educar/article/view/36022>. Acesso em: 21 set. 2020.
- COUTINHO, I. de L. *Pontos de gramática histórica*. 6. ed. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1974.
- CUNHA, C.; CINTRA, L. F. L. *Nova gramática do português contemporâneo*. 5. ed. Rio de Janeiro: Lexicon, 2008.
- FACEBOOK. SBT Jornalismo. jul./ago. 2019. Disponível em: <https://www.facebook.com/sbtjornalismo>. Acesso em: 11 ago. 2019.
- FACEBOOK. Portal R7. jul./ago. 2019. Disponível em: <https://www.facebook.com/portalar7>. Acesso em: 11 ago. 2019.
- FACEBOOK. G1 – O portal de notícias da Globo. jul./ago. 2019. Disponível em: <https://www.facebook.com/g1>. Acesso em: 11 ago. 2019.
- FARACO, C. A. *Linguística histórica: uma introdução ao estudo da história das línguas*. São Paulo: Parábola, 2006.
- FIORIN, J. L. A internet vai acabar com a língua portuguesa?. *Texto Livre*, v. 1, p. 1-8, 2008. Disponível em: <http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/textolivre/article/view/10>. Acesso em: 24 jul. 2019.
- FISHER, S. R. *Uma breve história linguagem*. Trad. Flávia Coimbra. Osasco. São Paulo: Novo Século Editora, 2009. Disponível em: <https://www.passeidireto.com/arquivo/19812647/uma-breve-historia-da-linguagem#pf6b>. Acesso em: 02 ago. 2019.
- GALVES, C. Theoretical, empirical and methodological approaches for studying the afro-brazilian continuum portuguese. In: LÓPEZ, L. A.; GONÇALVEZ, P.; AVELAR, J. O. de. (org.). *The portuguese language continuum in Africa and Brazil*. Amsterdam: Jojn Benjamins, 2018. p.19-42 Disponível em: <https://benjamins.com/catalog/ihll.20.02gal>. Acesso em: 21 ago. 2019.
- GIL, A. C. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- GONÇALVES, P. Research of L2 varieties of european languages. In: LÓPEZ, L. A.; GONÇALVEZ, P.; AVELAR, J. O. de. (org.). *The portuguese language continuum in Africa and Brazil*. Amsterdam: Jojn Benjamins, 2018. p. 1-17 Disponível em: <https://benjamins.com/catalog/ihll.20.03gon>. Acesso em: 21 ago. 2019.
- KENSKI, V. M. *Educação e tecnologia: o novo ritmo da informação*. Campinas, SP: Papirus, 2007.
- LOPES, C. R. dos S.; CALLOU, D. Contribuições da Sociolinguística para o ensino e a pesquisa: a questão da variação e mudança linguística. *Revista do GELNE (UFC)*, v. 5, p. 63-74, 2004. Disponível em: <http://www.laborhistorico.letras.ufri.br/producao/Callou&Lopes2004.pdf>. Acesso em: 25 jul. 2019.

LUCCHESI, D. Africanos, crioulos e a língua portuguesa. In: LIMA, I. S.; CARMO, L. (org.). *História social da língua nacional*. Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, 2008. p. 151-180

LUCCHESI, D.; BAXTER, A. A transmissão linguística irregular. In: LUCCHESI, D.; BAXTER, A. (org.). *O português afro-brasileiro*. Salvador: EDUFBA, 2009. p.101-124. Disponível em: <http://books.scielo.org/id/p5/pdf/lucchesi-9788523208752-06.pdf>. Acesso em: 21 ago. 2019.

MARCUSCHI, L. A. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola editorial, 2008.

MATTOS E SILVA, R. V. *Caminhos da linguística histórica: ouvir o inaudível*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MATTOSO CÂMARA JÚNIOR, J. *Dicionário de linguística e gramática*. 10. ed. Petrópolis: Vozes, 1981.

MENDES, C. da S.; MEDEIROS, N. R. de; OLIVEIRA, T. S. de. Africanidades na fonética do português brasileiro. *Revista Letras Escreve*. Macapá, v. 7, n. 1, 1º semestre, 2017. Disponível em: <https://periodicos.unifap.br/index.php/letras/article/viewFile/3005/pdf>. Acesso em: 12 ago. 2019.

MENDONÇA, R. *A influência africana no português do Brasil*. Brasília: FUNAG, 2012. Disponível em: [https://repositories.lib.utexas.edu/bitstream/handle/2152/24719/983-Influencia Africana no Portugues do Brasil A.pdf](https://repositories.lib.utexas.edu/bitstream/handle/2152/24719/983-Influencia_Africana_no_Portugues_do_Brasil_A.pdf). Acesso em: 25 jul. 2019.

MINAYO, M. C. S. Ciência, técnica e arte: o desafio da pesquisa social. In: DESLANDES, S. F.; NETO, O. C.; GOMES, R.; MINAYO, M. C. S. (org.). *Pesquisa Social: teoria, método e criatividade*. Rio de Janeiro/Petrópolis: Vozes, 1999. p. 7 – 80.

NOLL, V. Mudanças na realização de /r#/, /r/ em português. In: LOBO, T.; CARNEIRO, Z.; SOLEDADE, J.; ALMEIDA, A.; RIBEIRO, S. (org.). *Rosae: linguística histórica, história das línguas e outras histórias*. Salvador: EDUFB, 2012. p. 337 – 348.

OLIVEIRA, T. S. A gramática normativa no século XXI: perspectivas e reflexões. In: OLIVEIRA, T. S.; RANGEL, G. P. M. (org.). *Ensino de línguas em contexto*. Rio de Janeiro: Mares Editores, 2019. p. 1 – 13. Disponível em: [www.mareseditores.com.br/ebooksgratuitos](http://www.mareseditores.com.br/ebooksgratuitos). Acesso em: 23 jul. de 2019.

OLIVEIRA, T. S. *Tradição, gramática e discurso: o posicionamento em compêndios de normas*. 2018. 181f. Tese (Doutorado em Cognição e Linguagem) – Centro de Ciências do Homem, Universidade Estadual do Norte Fluminense, 2018.

PESSOA DE CASTRO, Y. *A influência das línguas africanas no português brasileiro*. Salvador: Secretaria Municipal de Educação, 2005. Disponível em: <http://www.portal.educacao.salvador.ba.gov.br/documentos/linguas-africanas.pdf>. Acesso em: 29 nov. 2018.

PETTER, M. M. T. *Línguas africanas no Brasil*. Niterói, n. 19, p. 193-217, 2. sem. 2005. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/gragoata/article/download/33263/19250>. Acesso em: 29. nov. 2018.

SCHERRE, M. M. P.; NARO, A. J. Sobre as origens do português brasileiro: garimpo fonológico. In: SCHERRE, M. M. P.; NARO, A. J. (org.). *Origens do português brasileiro*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007. p. 25-48

SCHWINDT, L. C.; CHAVES, R. G. Convergência de processos no apagamento de /r/ em português e espanhol. *Linguística*, v. 35-1, p. 129-147, jun. 2019. Disponível em: <http://www.scielo.edu.uy/pdf/ling/v35n1/2079-312X-ling-35-01-129.pdf>. Acesso em: 23 jul. 2019.

SZIJJ, I. Formas completas e apocopadas no imperativo singular português à luz dos textos. *Revista de Estudos Linguísticos da Universidade do Porto*, n. 1, v. 6, p. 171- 186, 2011. Disponível em: <https://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/9918.pdf>. Acesso em: 25 jul. 2019.

TAPSCOTT, D. *Geração digital*. São Paulo: Macron Books, 1999.

VIARO, M. E. Semelhanças entre o português brasileiro e as variedades africanas e asiáticas. In: SILVA, L. A. (org.). *A língua que falamos: português: história e discurso*. São Paulo: Globo, 2005. p. 211-252

XIMENES, E. E. Alguns termos da linguística histórica. *Revista Philologus*, ano 9, n. 25, Rio de Janeiro CIFEFIL, p. 45-61, jan./abr. 2003. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/rph/ANO09/25/RPh25.pdf>. Acesso em: 17 jul. 2019.

XAVIER, A. C. *et al. Hipertexto e cibercultura: links com literatura, publicidade, plágio e redes sociais*. São Paulo: Respel, 2011.

XAVIER, A. C. S. Reflexões acerca da escrita nos novos gêneros digitais da internet. *Investigações*, Recife, v. 18, p. 115-129, 2006. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/INV/article/view/1484/1157>. Acesso em: 24 jul. 2019.



Recebido em 27/11/2020. Aceito em 21/01/21.